

Pedregulho em busca do café perfeito

O clima agradável e ameno da cidade de Pedregulho é resultado de uma localização privilegiada no Estado de São Paulo. A cidade fica no prolongamento do Planalto Meridional Brasileiro, o chamado Planalto Ocidental Paulista, com altitude média entre 900 e 1000 metros, caracterizando-se por rochas sedimentares (arenito), rochas eruptivas (basalto) e até rochas metamórficas (quartzo), daí o nome Pedregulho.

No topo do planalto ficam os espigões. Nas depressões, as furnas, que formam vales espetaculares que abrigam uma reserva: o Parque Estadual das Furnas do Bom Jesus, onde a Mata Atlântica e o Cerrado formam uma notável unidade de conservação ambiental entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo. Na reserva ainda são encontradas espécies primitivas da fauna do cerrado, como o tatu



Vista aérea da Usina Estreito

(*Dasylops spp.*), o tamanduá mirim (*Tamandua tetradatyla*), a suçuarana (*Puma concolor*), e a jaguatirica (*Leopardus pardalis*), estas duas últimas ameaçadas de extinção, além de dezenas de pássaros. A flora também é muito rica, com exemplares de jacarandá, jequitibá, cedro, aroeira, peroba, entre outras. A reserva tem pontos de difícil acesso, como a Cascata Grande, uma das 7 existentes na reserva, que só pôde ser medida por agrimensores da Força Aérea e possui 122,5 metros de queda livre, uma das maiores do Estado.

Para a economia da cidade este relevo propiciou a dobradinha "café com leite". Os cafezais ocupam os espigões e o gado leiteiro e o de corte são criados nas furnas. A cidade de quase 15 mil habitantes tem 1/3 de sua população vivendo no cam-



po. São 1.056 propriedades rurais, em sua maioria pequenas e médias. O café é, com certeza, o maior negócio da cidade, que vem buscando

incessantemente o mercado exterior. Os maiores produtores da cidade estão investindo no "café perfeito". A microrregião de Franca, onde está Pedregulho, vai investir R\$ 2 milhões para conseguir um café processado, de maior valor adicionado, de altíssimo padrão. Além dos investimentos em equipamentos

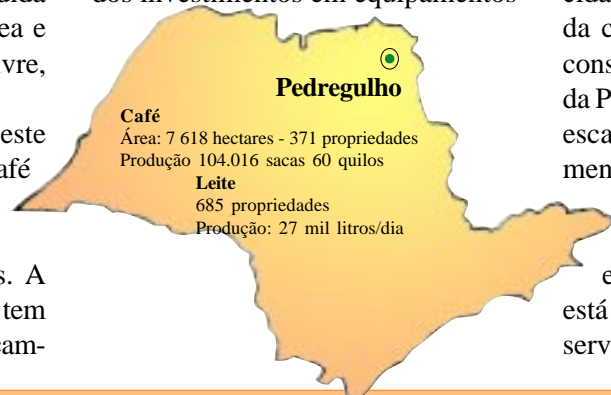


Furnas do Bom Jesus: preservação da fauna e da flora

que fornecem artefatos para as indústrias de Franca.

A Usina Hidrelétrica Luiz Carlos Barreto de Carvalho (Estreito) é a empresa que mais recolhe impostos, entretanto gera poucos postos de trabalho no município. É a atividade agroindustrial que garante empregos e renda para a cidade.

Pedregulho tem 100% de água tratada e encanada, rede de esgoto em toda a sua extensão, aterro sanitário, asfalto e serviço de saúde que atende inclusive as cidades vizinhas. O grande orgulho da cidade, entretanto, é a pirâmide construída entre 1977 e 1982, réplica da Pirâmide de Quéops, do Egito, em escala 24 vezes menor. É o monumento turístico mais importante de Pedregulho, que agora busca também incentivar o turismo ecológico, uma vez que a cidade está em uma das regiões mais preservadas do Estado.



de última geração, que podem chegar a R\$ 480 mil em uma única máquina, os produtores estão investindo também em treinamento de pessoal e no desenvolvimento de técnicas de cultivo. A expectativa é que as primeiras safras desse café comecem a ser colhidas em 2 anos.

O leite produzido nas pequenas propriedades abastece os dois laticínios da cidade. Os outros estabelecimentos industriais do município também dependem diretamente da produção oriunda do campo: torrefadora de café, fábrica de calçados, além de bancas (trabalho informal)



Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto

Educação extrapola os muros das escolas

Não houve quem não tenha notado na presença do grupo de 120 pessoas uniformizadas que visitou a Agrishow no seu segundo dia. O grupo de alunos e professores do Programa Educacional "Agronegócio na Escola", da ABAG/RP, agitou a Feira.

Dois alunos de cada uma das 40 escolas inscritas no Programa garantiram a visita à Agrishow após participarem de um concurso de redação com o tema "Agricultura, Tecnologia e Meio Ambiente". Participaram do concurso 8.200 alunos de 18 cidades da região. Alguns alunos pesquisaram o assunto, outros exprimiram livremente suas opiniões. Os selecionados foram convidados para conhecer de perto o que existe de mais moderno em tecnologia agropecuária, que nos últimos anos fez com que o setor desse um importante salto em produtividade e qualidade.

A aluna de Monte Alto, Michele Toseti, conta que ficou apreensiva quando venceu o concurso. Achou que iria a uma feira monótona, que seria uma chatice. Às 4 horas da tarde, depois de 7 horas de feira, ela era uma das mais anima-



Alunos do Programa Educacional "Agronegócio na Escola" visitam a Agrishow

das. Não esperava ver o que viu, não sabia que as "coisas do campo eram tão modernas".

A Coordenadora de Geografia da Diretoria de Ensino de Franca, Elza Marqueti, que entrou no programa neste ano, ficou empolgada. "Este tipo de parceria é fundamental para a escola. O ensino tradicional já chegou ao seu limite. Este tipo de parceria, principalmente na minha área, geografia, é muito importante. Os professores e, por consequência, seus alunos, não conseguem enxergar a relação campo-cidade, entender o local

para ver o global. Se a realidade não entrar na sala de aula, isto fica impossível, e ver o que foi visto na Agrishow vale por meses de atualização".

Este foi só um aperitivo do Programa que completará, até o final do mês de maio, a etapa de capacitação dos professores, com

palestras e visitas às empresas associadas à ABAG/RP. Depois de conhecerem melhor o setor, trabalharão de forma multidisciplinar com os alunos. Poderão levar a realidade para as aulas de física, geografia, química, português, história, matemática, apresentando exemplos práticos.

A partir de junho, será a vez dos alunos. Todos os 8.200, acompanhados por seus professores, terão a oportunidade de conhecer de perto o que o agronegócio representa para a sua região e para o seu país.

Editorial

Que assim seja!!!

Representantes dos setores de açúcar e álcool, café, grãos e máquinas e implementos agrícolas reuniram-se, sob a batuta do Ministro Roberto Rodrigues (MAPA), com o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e os Ministros Antonio Palocci (MF), Dilma Rousseff (MME) e José Graziano (MESA), durante a 10ª Agrishow, em Ribeirão Preto, SP.

Os assuntos em pauta versaram sobre as medidas necessárias para ampliar a competitividade do agronegócio brasileiro. Entre os principais gargalos apontados pelos representantes do setor privado figuraram: a excessiva carga tributária incidente em todo o processo produtivo; a ineficiência da infraestrutura logística para escoamento da produção; a necessidade de ampliação dos recursos para o financiamento de investimentos e a estocagem de produtos, além do pedido da adoção de uma postura mais agressiva do Itamaraty nas negociações da OMC, UE, ALCA e Mercosul.

Entre as medidas anunciadas: a garantia para a estocagem do álcool; o retorno da adição de 25% de álcool anidro à gasolina a partir de 1º de junho (visto o setor produtivo estar cumprindo sua parte no acordo de produção firmado com o governo); a volta dos leilões das opções de café; o fim da

cumulatividade dos impostos após a reforma tributária; a desoneração da produção e dos produtos que o "povo" consome, e a proibição constitucional da taxação às exportações.

O Presidente Lula reafirmou que o agronegócio terá prioridade em seu governo, convencido que está da capacidade do setor em gerar empregos. "O emprego é dignificante. É degradante para o homem ficar esperando pela doação de cestas básicas ou tickets de alimentação para não morrer de fome".

O Presidente disse ainda que está preparando uma reforma agrária sem nervosismo e bem planejada, a fim de que os assentamentos sejam produtivos e rentáveis. Também pretende transformar o Brasil no país com o maior número de cooperativas no mundo. Afirmou que o Brasil liderará a América do Sul e que terá coragem para brigar por seus produtos nos grandes fóruns de comércio internacional. Terminou dizendo que não lhe faltará vontade política para viabilizar o Brasil de longo prazo, concentrando esforços na aprovação das reformas necessárias. Que pensará no país e não em votos.

Que assim seja!!!

Mônica Bergamaschi

Agronegócio busca o reconhecimento político

Nunca se viu tantos políticos reunidos na Agrishow como na abertura de sua 10ª edição, no último dia 28 de abril. Eram prefeitos e vereadores da região de Ribeirão Preto e de fora dela, deputados estaduais, federais, senadores e governadores, de vários estados e partidos.

Nada mais justo. A Agrishow - Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação, é a terceira maior do mundo e a maior da América Latina e merece todo o reconhecimento da população brasileira. Uma feira que mudou os caminhos do agronegócio no país, e que compartilha a responsabilidade pelo salto tecnológico galgado pelo setor. Se hoje a produção é recorde, grande parte é fruto de um trabalho que começou há 9 anos, quando o então Secretário da Agricultura e do Abastecimento do Estado de São Paulo, Roberto Rodrigues e o presidente da então recém criada ABAG - Associação Brasileira de Agribusiness, Ney Bittencourt de Araújo, resolveram apostar na sugestão de Brasília de Araújo e idealizaram a Agrishow, escolhendo Ribeirão Preto para sediar a novidade: uma feira com exposição estática e demonstrações dinâmicas de máquinas e implementos: tecnologia em ação no campo.

Em seu discurso, durante a solenidade de abertura da Agrishow 2003, o Ministro da Agricultura Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, falou sobre a responsabilidade da



Agrishow no desenvolvimento da agricultura e quanto era importante que a classe política conhecesse a Feira e acrescentou: “Só recebe políticas públicas favoráveis um setor que tem a opinião pública ao seu lado. O agronegócio é um setor de grande importância social, gera 37% dos empregos do país, é também o mais importante economicamente, representa 27% do PIB e 41% das exportações brasileiras, mas infelizmente não tem a mesma importância política e por isto é fundamental mostrar para a sociedade o que ele representa”.

Em sintonia com as idéias do Ministro e empenhadas no desenvolvimento de ações voltadas para a valorização do agronegócio, a ABAG e a ABAG/RP organizaram a visita de um grupo de parlamentares que vieram ver de perto, na Agrishow, como pulsa o agronegó-

cio brasileiro. No primeiro dia da Feira estavam lá representantes de diversos Estados, Deputados Federais da Comissão de Agricultura da Câmara e Senadores da República.

Alguns já conheciam a feira, outros apenas tinham ouvido falar, mas todos ficaram maravilhados com o evento que neste ano reuniu 550 expositores, dos quais 60 estrangeiros, em 20 hectares de exposição estática e cerca de 300 hectares de demonstrações dinâmicas.

O Deputado Confúcio Moura, de Rondônia, visitou a feira pela primeira vez e disse que não tinha noção da riqueza e da diversidade do evento, e reafirmou sua intenção de trabalhar firme pela facilitação da produção.

O presidente da Comissão de Agricultura, Dep. Waldemir Moka, também ficou impressionado com a feira: “Como evento é grandioso, mostra as grandes inovações e a representatividade do setor. Traduz exatamente o potencial da agricultura brasileira”. O Deputado Moka salientou que está na hora da sociedade sair em defesa do agronegócio brasileiro e que o setor público e privado devem trabalhar juntos pelo seu fortalecimento em todas as esferas. Médico de formação, o deputado faz questão de lembrar que não possui nenhum hectare de terra, mas atua na Bancada Ruralista em função da economia de seu Estado, Mato Grosso, e do país, já que este é o setor que pode promover a mudança que o Brasil precisa. O deputado lembrou que até há poucos anos a

bancada era vista de forma pejorativa. Hoje, com a consciência do que o agronegócio representa, ela é uma das mais disputadas. Segundo o deputado, atualmente os votos em favor do setor são atraídos com maior facilidade.

O Senador Jonas Pinheiro, do Mato Grosso, um antigo defensor do setor, ficou satisfeito com a visita: “O Brasil está no caminho certo, avançando em tecnologia para compensar o que os outros países têm subsidiado suas agriculturas. Um subsídio que está fazendo com que países como os Estados Unidos percam produtividade, já que os produtores estão ficando preguiçosos”.

Foram quase seis horas de visita à feira. A primeira parada foi no campo para ver as máquinas em ação na demonstração de plantio direto. Depois, visitaram alguns estandes. Conheceram as últimas tecnologias em implementos, tratores, colhedoras e irrigação por gotejamento. Conversaram com expositores e ouviram sugestões de políticas a serem implantadas ou reformuladas. O financiamento ao médio e pequeno produtor é hoje o que mais preocupa a classe política.

Esta é uma preocupação também da Câmara Setorial de Máquinas da Abimaq. O presidente da Câmara, Fabrício de Moraes, faz questão de lembrar que a agricultura familiar é a origem de quase todas as empresas expositoras da Agrishow. A Jumil, de Batatais, que fabrica implementos agrícolas, deve 1/3 de seu faturamento ao



pequeno produtor. Em outra indústria de implementos, a Tatu Marchesan, de Matão, 50% do faturamento do ano passado foi proveniente de vendas aos pequenos produtores. “O pequeno tem acesso à mesmíssima tecnologia do grande”, afirma Francisco Matturro, diretor comercial da empresa.

Mas este pequeno produtor é aquele com vocação, que trabalha a terra há muito tempo, que tem crédito no banco e que apesar de ser um “agricultor familiar” já passou a fase da subsistência.

Para Fabrício de Moraes, o importante hoje é fazer com que o pequeno produtor, o agricultor familiar descapitalizado, também tenha acesso ao crédito e consiga crescer.

Pelas normas do PRONAF - Programa Nacional de Agricultura Familiar, criado em 1996, o agricultor familiar consegue juros de 4% ao ano, mais bô-

nus de adimplência de 25% na taxa de juros, para o pagamento de cada parcela. O prazo para reembolso pode chegar a 8 anos com até 5 anos de carência. O problema é o volume de crédito concedido, R\$ 15 mil por CPF, sendo que a renda anual bruta não pode ultrapassar R\$ 27,5 mil. Isto impede o crescimento do pequeno produtor, ou o agricultor familiar melhor sucedido, afirma Fabrício. Para ele, seria importante mudar este critério de concessão do crédito para módulos fiscais, já que a realidade da agropecuária brasileira mostra outro tipo de necessidade. Um pequeno produtor de milho que tem 20 hectares de cultura, produzindo 100 sc/ha a um preço médio de R\$ 20,00/sc, tem renda bruta anual de R\$ 40 mil, portanto não consegue o crédito oficial. “É uma injustiça com pelo menos 100 mil agricultores familiares que tem renda familiar acima de R\$ 30 mil”, afirma. “É preciso deixá-los crescer, senão estarão todos fadados a continuar estagnados, e quem perde é o Brasil que terá que continuar subsidiando o agricultor familiar, e não é isto o que ele quer”, complementa.

Os deputados que visitaram a Feira ouviram o recado e o presidente da Comissão de Agricultura da Câmara, Waldemir Moka, prometeu acalorar esta discussão e tentar, em parceria com o executivo, mudar algumas das regras consideradas inadequadas para o desejável desenvolvimento do pequeno agricultor.

